Por Maria Paula
mariapaula.df@dabr.com.br

De um vilarejo sem luz ao brilho de uma estrela da Justiça – Fátima Nancy Andrighi

Quarenta e nove anos atrás, uma jovem de apenas 23 anos assumia, com coragem e vocação, seu primeiro cargo como juíza, no interior do Rio Grande do Sul. Era noite quando ela chegou ao vilarejo — sozinha, recém-aprovada em um concurso público, em uma época em que pouquíssimas mulheres ousavam, ou conseguiam, chegar tão longe. Apesar da juventude e da inexperiência natural, trazia em si um senso de justiça firme, uma inteligência refinada e uma dignidade silenciosa que marcariam toda a sua trajetória.

Aquela noite ficou gravada em sua memória — não apenas por ser o início de sua missão, mas pela realidade que encontrou. Ao desembarcar, deparou-se com uma cidadezinha sem colégio para meninas, apenas um pequeno hospital com um único leito emergencial — e sem luz elétrica. Um gerador funcionava das seis às nove da noite, oferecendo às famílias algumas horas de claridade antes que a escuridão tomasse conta. A jovem juíza, que sequer sabia da existência desse gerador, passou sua primeira noite no escuro, envolta em espanto, solidão e uma profunda reflexão sobre as escolhas que a haviam levado até ali — e sobre o futuro desconhecido que a aguardava.

Naquele momento, ela não imaginava a dimensão que sua jornada tomaria.

Na última terça-feira, essa mesma mulher — hoje ministra Fátima Nancy Andrighi — foi homenageada em uma noite memorável no Superior Tribunal de Justiça, em Brasília. Diante de uma plateia repleta de ministros, juristas, artistas, empresários e lideranças políticas, ela foi celebrada como uma das maiores referências em ética, sabedoria, coragem e dedicação à magistratura.

Com a presença dos ministros Luís Roberto Barroso e Herman Benjamin, presidentes do STF e do STJ, a cerimônia foi um tributo não apenas à sua carreira brilhante, mas à mulher que, décadas atrás, acreditou que poderia fazer a diferença — mesmo quando tudo ao redor parecia escuro, literal e simbolicamente.

Daquela cidade sem luz à mais alta Corte da Justiça brasileira, sua trajetória é um farol. Um lembrete poderoso de que grandes conquistas não têm gênero, cor ou religião. E que coragem, somada à vocação e à ética, constrói legados luminosos.

Essa homenagem veio em forma de um livro: *Construção de um legado para igualdade de direitos às mulheres* — idealizado por Rosane Rosolém de Azevedo Ribeiro e Rita Dias Nolasco —, no qual dezenas de mulheres escreveram capítulos celebrando não apenas a ministra Fátima Nancy, mas também, a seu pedido, outras juristas que mudaram a vida das brasileiras ao garantirem, ampliarem e fazerem respeitar seus direitos.

Eu tive a honra de ser uma dessas mulheres. E escrevi meu capítulo em homenagem a Romy Medeiros, uma mulher gigantesca — mas essa história deixo para outra crônica.

O que desejo compartilhar hoje é que, assim como a jovem juíza, jamais imaginaria ser homenageada com um livro, ao lado das maiores autoridades do Judiciário nacional. Eu, a menina nascida em Brasília, que estudou em colégio de freiras, seguiu carreira na TV e no cinema, e depois mergulhou nos estudos sobre saúde mental, culminando num mestrado em desenvolvimento humano na UnB, tampouco imaginava que um dia ouviria, da própria ministra a quem tanto admiro, que ela aprecia minha mente, minhas palavras — e que lê, com prazer, minhas crônicas aos domingos neste espaço do **Correio Braziliense**.

Nossas vidas se encontraram como dois rios que, por caminhos distintos, deságuam na mesma missão: deixar para as meninas de hoje — e de amanhã— a certeza de que o impossível é apenas uma ideia que ainda não teve sua hora. Que o futuro pode ser brilhante. E que cabe a nós, com amor e coragem, cumpri-lo.